

# CADMO

Revista do Instituto Oriental  
Faculdade de Letras de Lisboa

1



EDICÖES  
COSMOS

二〇一〇年三月廿一日  
二〇一〇年三月廿一日

# **UGARIT, FENICIA E CANAÃ: QUESTÕES DE METODOLOGIA E DELIMITAÇÃO HISTORIOGRÁFICA**

Por JOSÉ AUGUSTO RAMOS

*Professor da Faculdade de Letras  
da Universidade de Lisboa (Instituto Oriental)*

## **Resumé**

En rappelant le 10<sup>ème</sup> anniversaire de la mort de M. Dahood et l'approche du 64<sup>ème</sup> anniversaire de la découverte de Ras Shamra (Ougarit), on se questionne sur quelques niveaux de solidarité postulés entre Ougarit, la Phénicie et Canaan, en signalant les opinions et les raisons qui les éloignent et en soulignant, au contraire, les raisons et les pressupposés de la pratique courante qui les font proches l'une des autres, en leur prêtant les bases pour une certaine unité historiographique.

(Página deixada propositadamente em branco)

## 1. As efemérides e a memória

Cumpridos, havia pouco, os sessenta anos da sua intensa vida e no exacto mês de Março de 1982, em que se completavam cinquenta e quatro anos desde o início das escavações no *tell* ou jazida arqueológica de Ras Shamra, que viria mais tarde a revelar o seu nome histórico de Ugarit, ocorria em Roma, na capela de Nossa Senhora do Poço, na igreja de Santa Maria in Via, o súbito falecimento do Professor Mitchell Dahood. Durante algum tempo, pela actividade e pela solidariedade, ele viu-se identificado como um dos mais insistentes e dedicados estudiosos (\*) dos textos, que, logo de início, começaram a desvelar-se, com o aparecimento da primeira tabuinha precisamente ao sexto dia da escavação. Dali em diante, paulatinamente, aqueles textos continuaram a revelar-se-nos através das sucessivas campanhas de escavação empreendidas naquela cidade-estado da costa mediterrânica da Síria (2) e, mais amplamente, através da ingente bibliografia, na qual os seus tesouros se têm vindo, ao longo de todos estes anos, expondo (3).

E agora este primeiro número de *Cadmo* surge a público quando estão a cumprir-se sessenta e quatro anos da descoberta de Ugarit, decorrendo simultaneamente o décimo aniversário sobre a infausta ocorrência do falecimento daquele que foi o seu insigne investigador e entusiástico propagandista da importância da sua língua, literatura e pensamento.

Estas específicas razões para memória estão particularmente presentes nas linhas que vão seguir-se, uma vez que este seu autor se encontrava, há vinte anos atrás, a concluir alguns anos de frequência dos seminários de hebraico, fenício e ugarítico e respectivas lite-

raturas, dirigidos pelo Professor Mitchell Dahood, que era, na altura, director da Faculdade Oriental do Pontifício Instituto Bíblico de Roma.

Para mais, o início de vida desta publicação periódica do Instituto Oriental da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa e muito particularmente o título de *Cadmo* que assumiu acrescentam às referidas memórias de raiz recente uma outra memória de sabor quase originário. É que o nome de *Cadmo*, evidente e propositadamente recolhido da tradição literária dos Gregos, representa uma mítica memória, cujo explícito enraizamento se situa neste mesmo espaço fenício/cananaico (4).

Enquanto personagem da mitologia, Cadmo apresenta-se, de facto, à memória dos Gregos como aquele irmão de Europa e filho do rei de Tiro, que recebeu do pai a incumbência de partir para o Ocidente, seu antónimo (5), com o encargo urgente de conseguir o resgate dessa sua irmã que Zeus raptara nas costas da cidade de Tiro, assumindo a cosmogónica forma de um touro.

Cadmo não recuperou mais a irmã, Europa. Mas, à semelhança do seu cunhado, Zeus, também Cadmo se tornou de algum modo um criador, tendo à sua conta criações de signo vário. A fundação de Tebas, na Beócia, e a oferta do alfabeto aos Gregos serão certamente reconhecidas como sendo de signo positivo (6). E ambas as criações apresentam um cunho marcadamente fenício, pois fundar novas cidades foi característica marcante de muitos emigrantes tios e transmitir o alfabeto é uma glória fenícia que o tempo e a investigação ainda não desmentiram nem embaciaram.

Temos aqui expressa, em núcleo e em nome, a consciência grega relativamente ao legado oriental presente dentro do seu próprio património. E a orientalidade deste núcleo assim expresso declara-se explicitamente fenícia.

Isto significa que, de todo o Oriente que marcou os Gregos, aquele que mais directamente lhes determinou e definiu a consciência explicitamente assumida foi a Fenícia. Esta ideia é marcante nas tradições antigas em que Phoinix, Cadmo, Syros e Cilix são considerados irmãos, exprimindo assim a fraterna solidariedade das várias pátrias deles nascidas (7).

O conjunto de efemérides que aqui foram entrelaçadas, sendo muito embora compreensíveis pela natural acumulação de memórias na circunstância do início de actividades de uma publicação periódica com o nome e o tema que esta tem, sugere, para além disso, e representa de igual modo a complexidade da questão historiográfica da Fenícia e de Canaã, tanto no sentido das delimitações da sua geografia histórica como no estabelecimento das solidariedades impres-

cindíveis que deverão servir de base para uma periodização que possa englobar as suas várias fases ou ainda para a definição da sua identidade cultural como uma ou, pelo contrário, como plural.

Ao fazer a sua história, com que ligação se deve contar e em que domínios se pode afirmar tal ligação entre Ugarit, a Fenícia e Canaã? Com que direito se podem comparar os materiais delas provenientes, considerando-os pertencentes ao mesmo mundo, com as consequências historiográficas que daí decorrem?

Nos domínios sectoriais, tem havido ideias mais ou menos definidas. Mas a atitude historiográfica de conjunto sofre ainda notórias hesitações e mesmo algumas presumíveis contradições. É a questão das possíveis solidariedades do espaço histórico da costa mediterrânica oriental, no âmbito da tarefa historiográfica.

## **2. Problemas de delimitação e identidade**

Vários indicadores apontam, de imediato, no sentido da afirmação de alguma solidariedade entre as realidades históricas hoje conhecidas de Ugarit, da Fenícia e de Canaã.

A geografia deveria sugerir, sem dificuldade de maior, uma inclusão do reino de Ugarit na larga geografia de Canaã.

O território que se engloba dentro da designação de Canaã, pelo que diz respeito à extensão norte-sul da sua linha costeira ocidental, que constitui, afinal, a mais clara e mesmo a mais decisiva delimitação deste território, estende-se desde a cadeia montanhosa chamada Djebel el-Aqra, ou monte Cássio, que em Ugarit se chama o monte Safon, a norte da cidade, até Gaza <sup>(8)</sup>. Esta fronteira do sul, mesmo não tendo nenhum significativo acidente natural a marcar-lhe com evidência a localização, parece, no entanto, ser objecto de menos hesitações do que a fronteira norte. A grande proximidade do Egipto e a inospitalidade da contígua península do Sinai dão clareza histórica a uma fronteira que geograficamente seria pouco marcada.

Isto significa que a fronteira norte de Canaã, que é aquela que de imediato aqui mais nos interessa, vai coincidir aproximadamente com o curso e a desembocadura do rio Orontes.

Aliás, estas questões que motivam o presente texto não costumam levantar-se, quando se trata propriamente da geografia e isto dispensa-nos de prestar, neste momento, mais atenção à dimensão propriamente geográfica. A fronteira norte pode mesmo aparecer recuada mais para norte, até, vaga e genericamente, ao golfo de Alexandria <sup>(9)</sup>.

É inegável que o definir assim os limites geográficos de Canaã leva já implícita uma delimitação geográfico-histórica. Mas é no momento da historiografia explícita que surgem e se avolumam as dificuldades. É o tempo e a periodização com os pressupostos que implicam. Ugarit e as mais clássicas cidades fenícias encontrar-se-iam dentro de uma geografia que se delimitasse com as coordenadas gerais referidas.

Maria Eugénia Aubet alista como as três principais cidades de Canaã, durante o Bronze Médio cananeu (1900-1550), precisamente Biblos, Ugarit e Meguido, cabendo a proeminência, no Bronze Recente (1550-1200) a Ugarit, Biblos e Tiro <sup>(10)</sup>.

Daí que Ugarit nos apareça naturalmente classificada, por parte de alguns autores, como metrópole cananaica (") ou até como cidade de proto-fenícia <sup>(12)</sup>.

Por sinal, no Museu do Louvre os materiais procedentes de Ugarit encontram-se na sala denominada «Phoenicie». E, mesmo na bibliografia, não é difícil encontrar quem localize Ugarit na Fenícia <sup>(13)</sup>.

No entanto, adverte-se também o movimento que vai no sentido inverso, tendente a não incluir Ugarit nem no círculo fenício nem sequer no cananaico.

As sínteses e tratados que focam essencialmente a história dos Fenícios tratam frequentemente a realidade de Ugarit como sendo estranha a esse universo dos Fenícios.

O já referido e recente livro de M. Gras, P. Touillard e J. Teixidor mostra, mais uma vez, claramente a hesitação.

No mapa do Mediterrâneo oriental <sup>(14)</sup>, os ilustres feniciólogos grafam o nome da cidade de Ugarit com o mesmo tipo de letra com que assinalam as metrópoles fenícias de Arvad, Biblos, Sídon, Sarepta e Tiro, mas colocam-na entre parênteses.

Algo de semelhante acontece também no programa da grande exposição sobre os Fenícios organizada pelos orientistas italianos em 1988 <sup>(15)</sup>.

Tendo em conta o tempo em que Ugarit acabou e a época que é assumida para objecto deste livro de M. Gras, P. Touillard e J. Teixidor, isto é, a época da Fenícia em processo de expansão, nos finais do segundo milénio e primeira metade do primeiro, antes de Cristo, o parêntese que no mapa é apostado ao nome de Ugarit poderia até considerar-se normal.

Mas a tábua cronológica <sup>(16)</sup>, mesmo sintetizando a cronologia fundamental das cidades da região desde o terceiro milénio, omite sistematicamente qualquer referência a Ugarit, inclusive na sua épo-

ca clássica e quando os acontecimentos paralelos referidos para as suas irmãs do Sul justificariam a *fortiori* tal referência para Ugarit.

Apenas a destruição de Ugarit, por volta de 1200, é referenciada de parceria com a destruição também de Tiro às mãos dos Povos do Mar.

É verdade que o universo fenício que esta obra pretendeu explicar é sobretudo o universo de expansão dos Fenícios.

De alguma maneira, as reticências atinentes a incluir Ugarit na área fenícia são também compreensíveis por questões de periodização e de modo particular por nesta periodização se operar a passagem transcendente de uma época anterior à chegada dos Povos do Mar para uma época posterior à sua entrada na cena do Médio Oriente Antigo.

De facto, pode questionar-se sobre a identidade étnico-política das cidades costeiras, depois da passagem dos Povos do Mar, e sobre até que ponto o figurino da cidade fenícia do período clássico, durante a primeira metade do primeiro milénio a. C., terá ficado directamente dependente dos novos dados aduzidos pelos Povos do Mar ou se continuou a ser fruto da sua milenar tradição local.

É neste sentido que o paralelismo oferecido pelos dados provenientes de Ugarit poderão ajudar-nos a esclarecer a questão, comparando aquilo que fora Ugarit, antes, com o que passou a ser, depois, a cidade fenícia.

Para melhor esclarecer esta relação, uma grande parte da luz deverá esperar-se também da investigação arqueológica concentrada neste período decisivo (17).

O próprio Sabatino Moscati, que, no livro-programa já referido, escreveu o capítulo «Quienes fueron los fenícios?» (18), sublinha bem fortemente a importância da passagem dos Povos do Mar na construção e definição do figurino propriamente fenício das cidades costeiras do primeiro milénio.

É optando por uma perspectiva semelhante, com ou sem dependência explícita do fenómeno dos Povos do Mar, que grande parte dos feniciólogos opta por considerar Ugarit como uma realidade à parte, confinada na nebulosa da história siro-palestina pré-fenícia, sem que as reais ligações com esse conjunto sejam claramente explicitadas.

Talvez se possa, nesse sentido, compreender a intromissão da toponímia e do gentilício estrangeiros à tradição cananaica e aceitar que a nomenclatura de Fenícia e Fenícios represente uma faixa e prevalentemente uma época estritas e específicas.

Mário Liverani assenta esta estrita delimitação como pedra angular do seu capítulo sobre os Fenícios. Este começa depois de 1200



e a expansão marítima faz parte do seu figurino. Por esta razão, considera ele que Ugarit, destruída pelos Povos do Mar, não chegou a tornar-se «fenícia» (aspas dele) (19). Parece, portanto, deixar subentendido que Ugarit se tornaria naturalmente «fenícia», caso tivesse sobrevivido à passagem dos Povos do Mar.

Mas se há razões para considerar que Ugarit não tenha chegado ao tempo de poder ser fenícia, merece citar-se a expressão de F. M. Abel de que «cananéens ou habitants du pays bas les phéniciens le furent à toutes les étapes de leur histoire» (20).

Essa opção tem seguramente algum interesse, quando a tarefa proposta é a de descrever os Fenícios como povo da expansão semítica oriental para ocidente. Aí a realidade é, de facto, mais mediterrânica do que puramente oriental (21).

Vista do Ocidente, esta leitura pode parecer bem evidente e pacífica. Ugarit não é fenícia, porque nunca viajou ou não teve expansão para ocidente. Considerada, porém, do lado oriental, esta interpretação tem aspectos de violência e de estranheza, à semelhança do nome estrangeiro que lhes atribuíram e em cujo uso os Fenícios poderão ter consentido, mas que nunca assumiram.

Sem definir de maneira muito estrita aquilo que continua e aquilo que muda entre as cidades da Fenícia clássica (22) e o longo período histórico que as precedeu, Sandro Filippo Bondí (23) apresenta Biblos e Ugarit como fazendo parte de um mundo em que se regista uma comunidade cultural, cujas identidades se não podem afirmar como «fenícias» ou «não-fenícias». Continua, no entanto, a levantar-se o problema de saber se não se deve afirmar, em matéria de solidariedade, alguma continuidade entre o pré-fenício e o fenício.

Mais ainda, poderíamos perguntar-nos em que medida o corte que se tende a fazer relativamente a Ugarit, em nome dessa transição, se poderia também aplicar às cidades da área fenícia, tal como Biblos, nas épocas que antecederam a dos Povos do Mar, separando a Biblos de antes da Biblos de depois, e o mesmo com Tiro e as outras.

É evidente que esta radicalização é uma maneira de aceitar coerentemente o desafio das consequências derivadas da opinião que se mostra a favor da ruptura e da descontinuidade. Pois a expressão da consciência precisamente oposta formulada por S. F. Bondí (24) merece ser aqui transcrita: «Así pues, si la civilización fenicia aparece en la integridad de sus manifestaciones sólo a partir del siglo xii, a. C., se ha de convenir, desde luego, que precisamente en la continuidad, con respecto al período examinado aquí, reside una de sus características más familiares y, en definitiva, la misma posibilidad de identificar su autonomía.»

E para esta questão da continuidade não há que esquecer que os habitantes de Cartago, muitos séculos mais tarde, continuavam a intitular-se «cananeus» (25). Outra coisa não parecem ter feito nunca os «Fenícios».

Relativamente à integração de Ugarit em Canaã, também se encontra quem seja radical. Oswald Loretz, quase em contradição com o pressuposto básico do seu livro que identifica a cultura que se exprime nos textos ugaríticos como a cultura cananaica, sublinha na dimensão sintética do enquadramento geográfico, que Ugarit se posiciona fora ou na periferia de Canaã (26). É provável que o pano de fundo desta afirmação de O. Loretz seja o mapa linguístico, que justifica certamente considerações específicas.

Contudo, se pode ser razoável deixar o nome de Fenícios para as cidades da época clássica da costa libanesa, por se tratar de um nome estrangeiro para designar uma época profundamente voltada para o estrangeiro, parece constituir uma tarefa mais difícil afastar radicalmente Ugarit da geografia de Canaã.

Evidentemente, Ugarit tem as suas originalidades, que de alguma maneira tendem a autonomizar o seu caso.

É claro que o dado mais evidente para a autonomia de Ugarit é a especificidade da sua língua, mais ou menos integrável no figurino linguístico, na verdade algo posterior, que conhecemos em Canaã. W. von Soden, por exemplo, seria claramente, contra muitos outros, pelo carácter não-cananaico do ugarítico (27).

Aqui, encontrar-nos-famos numa perspectiva por vários pontos oposta à que defendia M. Dahood, o qual no seu entusiasmo inicial, sobretudo, tendia a unificar demasiado o mapa linguístico de Canaã, tratando a língua de Ugarit quase como um simples dialecto cananaico. As evidências e o consenso das opiniões não têm caminhado nessa direcção.

As opiniões dos linguistas têm tendência a afastar-se dessa posição e a caminhar na direcção oposta, mas há quem, pensando sobretudo no conjunto das solidariedades históricas integre também pacificamente o ugarítico como um dialecto do cananaico (28).

O facto é que o conceito de cananaico no mapa linguístico se apresenta como algo reduzido, tal como o conceito de Fenícia no primeiro milénio. Por isso, o ugarítico fica mais pacificamente classificado simplesmente como semítico do Noroeste, que é um rótulo mais alargado.

Contudo, para a questão da afirmação da pertença ou não ao mundo histórico de Canaã e dado o tipo de relação cultural que em parte verificamos e em parte intuimos em Canaã, nas proximidades da época

de El-Amarna, este argumento deduzido da diferença linguística não deverá arvorar-se à categoria de critério absoluto e decisivo para a afirmação ou negação destas solidariedades.

Para além disso, é um dado importante verificar que, do ponto de vista civilizacional, Ugarit optou pelo modelo mesopotâmico da escrita cuneiforme com todas as implicações tecnológicas que isso pressupõe. Pelo contrário, as restantes regiões de Canaã parece terem-se inclinado mais fortemente para a linha de inspiração egípcia no mesmo capítulo da tecnologia da comunicação escrita.

Porém, esta bifurcação opcional foi acontecendo ao longo da época de El-Amarna, altura em que toda a região cananaica estava sujeita a forte influência da escrita mesopotâmica, de que os próprios textos de El-Amarna são os primeiros a testemunhar. E talvez esta original opção civilizacional e tecnológica de Ugarit nem se deva entender como pressupondo uma influência mais profunda da Mesopotâmia sobre Ugarit do que sobre as restantes cidades cananaicas.

De qualquer modo, se a ideia de alfabeto, que em Canaã acabou por assumir o monopólio da tecnologia da escrita, se pode considerar de inspiração egípcia e mesmo que o mérito dessa opção deva ser atribuído às cidades cananaicas utilizadoras do alfabeto linear e não à Ugarit do alfabeto cuneiforme <sup>(29)</sup>, a própria cidade de Ugarit soube, e é o único caso cuja notícia tenha chegado até nós, assumir para a sua língua autóctone a ideia do alfabeto em tecnologia cuneiforme, enquanto mantinha as escritas cuneiformes não alfabéticas para outras línguas estrangeiras cuja escrita praticava, nomeadamente o acádico, em cujo milenar sistema de convenções não tinha evidentemente capacidade alguma de intervenção <sup>(30)</sup>.

Apesar de esta peculiar opção de Ugarit poder representar e estar condicionada pelo seu alinhamento internacional voltado para norte e nordeste (Anatólia e Mesopotâmia) <sup>(31)</sup>, contrariamente ao resto de Canaã que mantinha o seu alinhamento a sul (Egipto), durante parte da época de El-Amarna e depois, isto não impediu que Ugarit optasse, no aspecto mais decisivo e revolucionário da questão tecnológica da escrita, pelo princípio enormemente económico do alfabeto, no mesmo sentido e em perfeita solidariedade com as restantes cidades cananaicas, tendo até aproveitado do desenho do alfabeto linear cananaico para a criação de signos equivalentes no seu alfabeto cuneiforme <sup>(32)</sup>.

De facto, também nesta sua originalidade, Ugarit se colocou na linha das opções que fizeram a grande originalidade e a decisiva afirmação técnica com a qual esta pobre região de Canaã, estimulada

pela sua necessidade de sobrevivência, se preparava para constituir o seu maravilhoso legado cadmiano ao futuro, o alfabeto.

Mais ainda, até a este momento todos os exemplares de escrita e língua ugaríticas têm sido exclusivamente encontrados de Ugarit para sul, incluindo os que foram descobertos em Hala Sultan Tekke, a sudeste da ilha de Chipre <sup>(33)</sup>. Isto significa que os indícios que temos de circulação da língua ugarítica e do seu alfabeto cuneiforme se limitam, por agora, à zona intracanáica e naturalmente ao próprio reino de Ugarit. A própria presença em Chipre não é inteiramente estranha a este círculo quase familiar, dados os grandes contactos comerciais e políticos <sup>(34)</sup> entre a cidade-estado e a sua ilha fronteiriça.

Trata-se aqui, evidentemente, de tomar nota dos dados actualmente conhecidos, sem nenhum direito a deles se extrapolarem afirmações exclusivas ou negativas relativamente a outras rotas do uso e da expansão da escrita ugarítica.

### **3. Ugarit e o padrão de cidade>estado fenícia**

A falta de entusiasmo em assinalar solidariedades entre Ugarit e a Fenícia clássica do ponto de vista da geografia histórica e da periodização nota-se bem na história comparada das realidades económico-políticas entre Ugarit e Tiro, como representantes respectivamente do período antes e do período depois dos Povos do Mar.

O facto de este ser um capítulo em que a história das cidades fenícias, e particularmente a de Tiro, é bastante movimentada, com tudo o que diz respeito ao comércio e à expansão parece desobrigar os historiadores da utilização dos materiais históricos provenientes de Tiro.

D. Harden quase não trata da dimensão sócio-política das metrópoles fenícias. Daí que as comparações com os dados provenientes de Ugarit se não tenha mostrado tão necessária.

Aquele figurino histórico de uma cidade fenícia de grande sucesso sobre o mar, baseado num conjunto de instituições, processos e empreendimentos específicos, figurino que aparece longa e minuciosamente descrito a respeito da cidade de Tiro nos capítulos 26 a 28 do livro bíblico de Ezequiel, afigurar-se-nos-ia ter sido uma criação provocada por circunstâncias e ambições verificadas apenas na cidade fenícia do primeiro milénio.

É claro que nos suscitará seguramente intrigantes interrogações a descrição da vida económica e política que nos é apresentada com

o conceito de «talassocracia cananaica» e usado como rótulo para identificar a realidade económico-política de Ugarit <sup>(35)</sup>, onde se analisam os dados, as infra-estruturas, as instituições, as práticas, as políticas que sustentam esta dimensão da cidade-estado. O artigo termina com a necessidade de se empreender o estudo comparado destes dados com os provenientes de outras potências marítimas, referindo-se, nomeadamente, Tiro, Cartago ou Veneza <sup>(36)</sup>.

É claro que a simples comparação de modelos de actividade económica e de um eventual figurino de organização política não implicam que tais exemplos tenham de ser considerados como pertencendo ao mesmo mundo, como resulta evidente num e até mesmo em dois dos exemplos referidos. Cartago também já não é Canaã.

Mas as múltiplas contigüidades, e não somente as geográficas, reconhecíveis entre Ugarit e Tiro suscitam necessariamente a questão do paralelismo, se não mesmo a de alguma continuidade também no padrão de cidade-estado.

Neste sentido, é muito interessante e estimulante verificar como M. E. Aubet traça as comparações entre Tiro e Ugarit, sobretudo e precisamente quanto ao modelo de actividade económica e infra-estruturas políticas que fundamentam e servem esse modelo <sup>(37)</sup>.

Pelo contrário, apesar de interessarem bastante a autora, as questões culturais, nomeadamente a religião que para certos autores é matéria cultural fenícia de necessário recurso às tradições de Ugarit, suscitam-lhe bastante menos comparações com a literatura de Ugarit do que as questões económico-políticas <sup>(38)</sup>. Esta é uma demonstração de sensibilidade à pertinência da utilização do património ugarítico para ajudar a definir o padrão de cidade-estado fenícia e os seus antecedentes.

Aliás, já R. de Vaux ilustra o próprio título relativo ao estudo da sociedade cananaica com a citação de um livro que estuda a estrutura social de Ugarit <sup>(39)</sup> e afirma a unidade historiográfica entre a Palestina, a Fenícia e Ugarit, no domínio da história social e da história cultural (religião), se bem que se sinta na obrigação de confessar que emitira já a opinião de que Ugarit se encontrava fora do «país de Canaã» <sup>(40)</sup>. Só que esta exclusão parece andar algo ligada à lábil questão das fronteiras da hegemonia egípcia sobre o Retenu <sup>(41)</sup>.

#### **4. Delimitação e identidade cultural**

Estas dúvidas e reticências que se mantêm em muitos espíritos, na altura de definir uma geografia histórica ou de dar nome e con-

teúdo a uma periodização sobre Canaã, incluindo ou excluindo Ugarit, desaparecem quase inteiramente, quando se começa a entrar no campo cultural.

É claro que se toma bem nota de que nos textos ugaríticos aparecerão alguns dados que não parecem ter correspondência nos escassos textos fenícios conservados da época clássica. Não escapa à observação o facto de alguns nomes de deuses mais frequentes na literatura ugarítica, por exemplo, se encontrarem totalmente ausentes das listas de divindades ocorrentes nos textos fenícios, que são curtos, mas são bastante dispersos, no domínio da representação de figuras mitológicas.

O pensamento religioso apresenta-se, para alguns autores, como um espaço de profunda continuidade entre Ugarit e a história fenícia posterior <sup>(42)</sup>.

É, no entanto, curioso verificar como, desde há algumas décadas, os aspectos autóctones da literatura ugarítica são entusiasticamente aproveitados para preencher as lacunas que nos ficam neste capítulo, tanto para os Fenícios estritamente ditos, como sobretudo para o âmbito mais alargado que é a cultura de Canaã.

O capítulo sobre a religião dos Fenícios, no livro de Donald Harden <sup>(43)</sup>, é construído tomando como base os materiais provenientes da mitologia e literatura ugaríticas.

Aliás, D. Harden manifesta claramente a hesitação que o leva a afirmar os materiais culturais de Ugarit como fenícios, enquanto nega à cidade o carácter de fenícia, no sentido que assume no seu livro <sup>(44)</sup>.

John Gray, num livro que logicamente precedia o de D. Harden, na colecção «Ancient peoples and places» <sup>(45)</sup>, tomava como objectivo seu a tarefa de descrever o mundo sobretudo cultural de Canaã, durante o segundo milénio, uma vez que a história da época seguinte, no primeiro milénio dos Cananeus, tinha já sido tratada no livro de Donald Harden editado, no original inglês, em 1962.

Pois, para J. Gray, os Cananeus do segundo milénio, apesar de serem uma realidade tão diferente dos Fenícios do primeiro milénio, antes de Cristo, de modo a poderem consentir um nome diferente, representam, na realidade, «the formative period of the Canaanite culture» <sup>(46)</sup>.

Se bem que se confesse ser a isso obrigado pela desigualdade da documentação, R. de Vaux <sup>(47)</sup> utiliza os dados procedentes da cidade de Ugarit como constituindo uma directa representação da religião de Canaã, tanto no domínio dos deuses e mitos como no da descreção do culto <sup>(48)</sup>.

M. E. Aubet integra Ugarit no patrimonio cultural fenício, quando dá a sua literatura como exemplo da longa tradição historiográfica fenícia (49). Genericamente, Mário Liverani (50), que taxativamente considera fenícia só a época posterior aos Povos do Mar, afirma também que, enquanto outras franjas da área siro-palestina fazem entrar em cena novos climas culturais e novas formas de agregação política, incluindo-se aqui tanto os Arameus como os Hebreus, os Fenícios mostram ser os mais directos continuadores da cultura «cananaica» do Bronze Recente. Ele entende, por conseguinte, que «cananaico» e «fenício» são dois nomes de periodização de uma quase mesma realidade.

Pelo que vemos, a maior continuidade é colocada precisamente na cultura, intuição que parece também ser confirmada pela atitude expressa nos textos do Antigo Testamento com a rejeição precisamente da cultura religiosa dos Cananeus.

É de sublinhar que, no já referido e muito mais recente livro sobre o universo dos Fenícios, M. Gras, P. Rouillard e J. Teixidor praticamente não falam de Ugarit, ao tratarem de aspectos da cultura fenícia. Parece mesmo que Ugarit constituiu de algum modo um tabu a evitar.

Mas, na verdade, em matéria de cultura e mentalidades, estes autores praticamente só trataram do pensamento e dos usos e costumes relativamente à morte e particularmente no domínio monumental (51), opção que se funda mais nos dados derivados das práticas de enterramento habituais nas implantações fenícias da área de expansão do que no pensamento que representaria a cultura das populações das metrópoles cananaicas.

O facto, no entanto, é que a cultura de Ugarit tem vindo a ser assumida como o mais explícito representante do pensamento cananaico, primeiramente, em si mesmo e, por consequência, depois, no seu face a face com o pensamento dos Hebreus, na quota parte que conseguiu expressão nos textos bíblicos.

Conquistou já créditos assegurados para o orientalismo espanhol o livro de conjunto de Gregorio del Olmo Lete, em que a literatura de Ugarit é tomada como uma das presumíveis tradições portadoras até nós dos mitos e lendas de Canaã (54).

Todavia, o essencial desta consciência encontra-se já nuclearmente presente, sem tanta matização, relativamente à possibilidade de várias versões locais de um fundo comum da mitologia cananaica, em bibliografias tanto antigas como mais recentes. (55•)

Com alguma solenidade, desde há quase trinta e cinco anos, John Gray propunha a literatura de Ugarit como constituindo o próprio le-

gado cultural de Canaã <sup>(56)</sup>, sem que com isso tenha pretendido apresentar somente uma antologia da sua literatura, mas um apanhado de todo o seu patrimonio cultural e político.

Veja-se apenas a maneira como no recentíssimo livro de Oswald Loretz <sup>(57)</sup> a ligação lógica estabelecida entre o título e o subtítulo assenta na presunção de uma perfeita equivalência, sob o ponto de vista religioso-cultural, entre Ugarit e Canaã. Ugarit não se identificaria com Canaã, como é evidente, mas a sua literatura representaria Canaã, mais precisamente a sua cultura.

A declaração fundamental foi feita, há muito tempo, por Sabatino Moscati <sup>(58)</sup>: «For the reconstruction of Canaanite religion our principal source is the Ugarit texts». Mesmo que isto se deva em alguma parte à circunstância fortuita de se tratar do único *corpus* de textos não-bíblicos acessível e significativo daquela área cultural, é, na verdade, uma função de grande importância histórica e fica para o nosso uso crítico a interrogação sobre a sua legitimidade. É um facto que a assunção pacífica desta equivalência não recebe correspondências inteiramente coerentes noutros domínios da comparação historiográfica entre as duas entidades. Nalguns sectores da questão, continuam a manter-se alguns desgarramentos de opinião, cujo matiz, formulação e coerência são, por vezes, difíceis de definir.

Canaã é um mundo pequeno, mas múltiplo; e as multiplicidades têm sempre a sua opacidade. No caso das diferenças múltiplas de Ugarit projectadas sobre o quadro alargado de Canaã, são alguns indícios de translucidez atravessando essas opacidades que vamos tentando esquadriñar e administrar.

Em suma, a maior margem de consenso dos estudiosos sobre a solidariedade declarável entre Ugarit e Canaã incide sobre os domínios da cultura bem como sobre a sua expressão literária.

Fica-nos só a sensação de alguma incoerência ou incómodo entre a afirmação de total solidariedade cultural entre Ugarit e Canaã e a afirmação de que certas originalidades de Ugarit a tornariam algo estranho a Canaã. Chamar a isto uma realidade diferente que vive em simbiose cultural com Canaã <sup>(59)</sup> é uma maneira de dar expressão à consciência deste incómodo, mas não parece ainda constituir uma solução que se possa considerar inteiramente satisfatória para o problema historiográfico como tal.

E finalmente, talvez os paralelismos e continuidades no âmbito da história económica e política mereçam ser mais aprofundados do que quanto têm sido até ao presente, particularmente no que diz respeito aos possíveis predecessores do figurino posterior da cidade-estado fenícia.



## Notas

(1) Ver J. L. CUNCHILLOS, «Vida y muerte de un pionero: Mitchell Dahood», em *Estudios Bíblicos*, xli, 1983, 169-171. Os dois volumes do *Hebrew-ugaritic index to the writings of Mitchell Dahood*, compilados por Ernest R. Martinez, Roma, 1967 e 1981, mostram bem que as trezentas e cinquenta e três peças alistadas da sua bibliografia circulam continuamente entre os vários ângulos solidários do pentágono: Ugarit - Fenícia - Canaã - Ebla - Bíblia. P. C. CRAIGIE, «Ugarit and the Bible: progress and regress in 50 years of literary study», em Gordon Douglas Young (edit.), *Ugarit in retrospect, fifty years of Ugarit and ugaritic*, 102-104, sintetiza em três os núcleos dinamizadores dos estudos sobre Ugarit, a partir da década de sessenta. São eles a escola de Mitchell Dahood, em Roma, a de Claremont, na Califórnia, e a de Muenster. Ora as duas últimas são devedoras ao entusiasmo de M. Dahood, pois com Claermer colaborou ele largamente no seu principal projecto, o *The Ras Shamra Parallels Project* e em Muenster encontravam-se alguns investigadores que tinham sido seus alunos em Roma e que, apesar de alguma dissidência metodológica, prosseguiram até hoje tarefas e temas de fundo dos quais M. Dahood certamente não desdenharia.

(2) As etapas da escavação de Ugarit encontram-se bem esquematizadas em Gabriel SAADÉ, *Ougarit, métropole cananéenne*, Lattaquié, 1979, 39-54; a bibliografia fundamental de conjunto sobre as várias campanhas pode também ver-se em Oswald LORETZ, *Ugarit und die Bibel, kanaanaeische Goetter und Religion im Alten Testament*, Darmstadt, 1990, 3.

(3) Sem termos necessidade de nos obrigar ao conteúdo excessivamente pormenorizado das bibliografias exaustivas, tal como a obra, sempre aberta à continuação, de M. DIETRICH, O. LORETZ e J. SANMARTIN, *Ugarit Bibliographie*, começada com o volume de AOAT (coleção *Alter Orient und Altes Testament*) n.º 20/1-4 para os anos de 1928 a 1966, podem encontrar-se sínteses variadas e equilibradas da bibliografia sobre Ugarit, nas suas várias áreas de estudo, em moldes mais seleccionados e acessíveis, tal como acontece em Stanislav SEGERT, *A basic grammar of the ugaritic language*, Berkeley, 1984, xviii-xxvi.

(4) É evidente que esta maneira de justapor «fenício/cananaico» pretende tomar alguma posição relativamente a aspectos negativos que poderiam advir da alternativa «fenício-cananaico». Não é que qualquer das alternativas esteja imune de problemas em matéria de adequação à realidade. É uma chamada ao alerta da atenção e este artigo vai continuar a movimentar-se no âmbito desta preocupação.

(5) Cadmo representa a adaptação do som grego, Kadmos, da palavra cananaica *qadm*, que, no tempo em que os gregos começaram a ouvi-la da boca dos habitantes de Canaã, talvez soasse ainda o mais das vezes como *qadmu*, pronúncia correspondente à função sintáctica equivalente a um nominativo, que devia representar o uso mais frequente. Esta palavra significa «O que está em frente», «O oriente», e é sobretudo utilizada no semítico da região de Canaã, chamado o semítico do Noroeste. Este é mais um bom indício do bem fundado da mencionada tradição grega sobre a origem tíria de Cadmo.

(6) Sobre a figura de Cadmo na mitologia grega, pode ver-se: J. SCHMIDT, *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, 1965; P. GRIMAL, *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*, Paris, 1969, com recente tradução portuguesa, Difel, Lisboa, 1992. E. HAMILTON, *A mitologia*, Lisboa, 1979. Mais bibliografia so-

bre a mitologia grega recolhida em S. GEORGOUDI, «Orientation bibliographique pour la Grèce ancienne», em Yves Bonnefoy, *Dictionnaire des mythologies et des religions des sociétés traditionnelles et du monde antique*, Paris, 1981, I, 475-477.

(7) Cf. M. E. AUBET, *Tiro y las colonias fenicias de occidente*, Barcelona, 1987, 7.

(8) Cf. o cap. sobre «L'identité phénicienne» de M. GRAS, P. TOUILLARD, J. TEIXEIDOR, *L'univers phénicien*, Arthaud, Paris, 1989, p. 25 ss; M. E. AUBET, *Op. cit.*, 13.

(9) John GRAY, *The canaanites*, Londres, 1964, 15 ss. As sínteses confessam normalmente a dificuldade da definição das fronteiras tanto norte como sul de Canaã: H. de BAAR, «Tierra de Canaan», em *Encyclopedia de la Bíblia*, Barcelona, 1963, 11, 81-86.

(10) *Op. cit.*, 19.

(11) *Ougarit, métropole cananéenne* é realmente o título do livro de Gabriel Saadé já referido e publicado em 1979, precisamente em Lattaquié, que é a cidade capital em que fica integrado o território de Ugarit.

(12) Cf. H. CAZELLES, «Royauté sacrale et la Bible», em *Supplément au Dictionnaire de la Bible*, x, col. 1063. O *Kleines Stuttgarter Bibel Lexicon*, traduzido em português como *Dicionário bíblico*, Editorial Perpétuo Socorro, Porto, 1983, define Ugarit como «cidade fenícia no norte da Síria...» (p. 375). Ugarit e até mesmo Alalakh, mais a norte e mais interior, é dada como uma cidade completamente integrada na Fenícia, por vezes referida como Síria e Fenícia, por V. I. AVDIEV, *Historia económica y social del Antiguo Oriente*. 11. *Reynos y estados del 11 y 1 milenios*, Madrid, 1987, 33. Os problemas que aqui se levantam desaparecem nesta perspectiva e os dados da história de Ugarit ficam a fazer parte da síntese da história fenícia, pp. 31-49.

(13) Cf. Josep PADRÓ, «Los Fenicios», em Angel Montenegro, *Gran historia universal*. vol. 11. *Antiguos imperios orientales*, Madrid, 1987, 288 e 290. S. MOWINCKEL, *The Psalms in Israel's worship*, 1962, I, 132.

(14) *Op. cit.*, 248.

(15) Sabatino MOSCATI (dir.), *Los fenicios*, Barcelona, 1988, 17.

(16) *Op. cit.*, 265-266.

(17) Cf. J.-B. HUMBERT, «Récents travaux à Tell Keisan (1979-80)», *RB*, 98 (1981), 373-398; J. BRIEND, J.B. HUMBERT, *Tell Keisan (1971-1976), une cité phénicienne en Galilée*, Friburgo, 1980; e ainda O recentíssimo estudo de Maria DOLORES HERRERA: «El territorio de Aser en los inicios del I milenio a. C. a la luz de la arqueología: Fenicios e Israelitas», em J. CARREIRA DAS NEVES, V. COLLADO BERTOMEU e V. VILAR HUESO (Edits.): 111 *Simposio bíblico español (1 Luso-español)*, Valencia/Lisboa, 1991, 33-51.

(18) *Op. cit.*, 24-25.

(19) *Antico oriente: storia, società, economia*, Roma, 1988, 693-694.

(20) *Géographie de la Palestine*, Paris, 1967, 1, 254.

(21) Cf. Sabatino MOSCATI (dir.), *op. cit.*, 27.

(22) A palavra «clássica», que utilizamos algumas vezes para referenciar o tempo das cidades fenicias que mais se identificam com a expansão do primeiro milénio, não

quer dizer, para já, mais nada do que o facto de ser a essa época e a essas cidades que classicamente se aplica mais o nome de Fenícios.

(23) «Sus orígenes en oriente», em Sabatino MOSCATI (dir.), *op. cit.*, 28 e 34.

(24) *Op. cit.*, 35.

(25) Cf. Donald HARDEN, *Os Fenícios*, Lisboa, 1971, 20.

(26) *Op. cit.*, 26.

(27) *Einfuehrung in die Altorientalistik*, Darmstadt, 1985, 20. Ver também Stanislas SEGERT, *op. cit.*, 13-14; ver síntese de opiniões em M. DAHOOD, «Ugarit», em *Encyclopedia de la Bíblia*, Barcelona, 1963, vi, 1124; André CAQUOT, Maurice SZNYCER, Andrée HERDNER, *Textes ougaritiques. I. Mythes et légendes*, Paris, 1974, 41-49; André CAQUOT, «Os semitas», em Pierre Lévêque (edit.), *As primeiras civilizações*, Lisboa, 1990, 146; Oswald LORETZ, *Op. cit.*, 15.

(28) M. E. AUBET, *op. cit.*, 20. A autora parece, de facto e, como teremos ocasião de ver, com alguma razão, ser mais sensível às solidariedades económico-políticas entre Ugarit e a Fenícia ou Tiro, mais concretamente.

(29) W. VON SODEN, *op. cit.*, 36-39. Cf. Giovanni GARBINI, «La cuestión del alfabeto», em Sabatino MOSCATI (dir.), *op. cit.*, 91-92; E. PUECH, «Origine de l'alphabet», em *RB* 93 (1986), 197 ss.

(30) Sobre a variedade de línguas cujo testemunho escrito se conservou em Ugarit, ver Gabriel SAADÉ, *op. cit.*, 157-165.

(31) Cf. Sandro Filippo BOND], *op. cit.*, 35.

(32) Cf. G. GARBINI, *op. cit.*, 91; E. PUECH, «Origine de l'alphabet», *RB* 93 (1986), 197SS.

(33) Ver o mapa dos lugares de descoberta de textos em cuneiforme alfabético de Ugarit, apresentado já depois dos índices finais, de Oswald LORETZ, *Ugarit und die Bibel, kanaanaeische Goetter und Religion im Alten Testament*, Darmstadt, 1990. A descrição destes exemplares de escrita em cuneiforme alfabético pode ver-se em E. PUECH, *op. cit.*, 197 ss.

(34) Cf. Michael C. ASTOUR, «Ugarit and the great powers», em Gordon Douglas Young, *op. cit.*, 28.

(35) Elisha LINDER, «Ugarit: a canaanite thalassocracie», em Gordon Douglas Young (edit.), *Ugarit in retrospect, fifty years of Ugarit and ugaritic*, Winona Lake, 1981, 31-32.

(36) Elisha LINDER, *op. cit.*, 42.

(37) Cf. em *op. cit.*, grande parte das referências feitas no índice temático (p. 323), sobretudo a partir da página 80 e particularmente as pp. 84 e 89, apontam para comparações deste género.

(38) Cf. *op. cit.*, 132-138.

(39) *Histoire ancienne d'Israël*, I, Paris, 1971, 135.

(40) *Op. cit.*, 125.

(41) *Op. cit.*, 125.

- (42) Cf. S. F. BONDÍ, *op. cit.*, 35.
- (43) *Os Fenícios*, Lisboa, 1971, 80 ss.
- (44) *Op. cit.*, 21.
- (45) John GRAY, *The canaanites*, Londres, 1964, 11.
- (46) J. GRAY, *op. cit.*, 11.
- (47) *Op. cit.*, 136.
- (48) *Op. cit.*, 140-148.
- (49) *Op. cit.*, 26.
- (50) *Op. cit.*, 694.
- (51) *Op. cit.*, 148 ss.
- (52) Cf. James BARR, *Comparative philology and the text of the Old Testament*, Oxford, 1968, 111.
- (53) *Ver Instituciones del Antiguo Testamento*, Barcelona, 1964, 374.
- (54) *Mitos y leyendas de Canaan, según la tradición de Ugarit*, Madrid, 1981.
- (55) Cf. J. C. L. GIBSON, *Canaanite myths and legends*, Edimburgo, 2.<sup>a</sup> ed., 1978, a 1.<sup>a</sup> ed. fora de G. R. Driver, em 1956; A. JIRKU, *Kanaanaeische Mythen und Epen aus Ras Shamra-Ugarit*, Guetersloh, 1962; H. E. del MEDICO, *La Bible cananéenne découverte dans les textes de Ras Shamra*, Paris, 1950; M. D. COOGAN, *Stories from ancient Canaan*, Filadélfia, 1978. Este é o horizonte que se deduz igualmente de R. de VAUX, *Histoire ancienne d'Israël*, 141, n.º 80.
- (56) *The legacy of Canaan*, Leiden, 1.<sup>a</sup> ed. 1957, 2.<sup>a</sup> ed. 1965.
- (57) *Ugarit und die Bibel, Kanaanaeischer Goetter und Religion im Alten Testament*, Darmstadt, 1990.
- (58) *The face of the ancient orient*, New York, 1962, 218.
- (59) Cf. Oswald LORETZ, *op. cit.*, 15.